

As raízes do céu

Romain Gary

Traduzido do francês por
João Belchior Viegas

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Nota do autor

Os acontecimentos descritos neste romance nunca se deram. As personagens que nele aparecem nunca existiram.

Situei a minha história na África Equatorial Francesa porque vivi lá: pude assim evitar com conhecimento de causa qualquer semelhança com os lugares, os homens e as circunstâncias.

Talvez também porque não esqueci que a AEF foi a primeira a responder outrora a um apelo contra a abdicação e o desespero e porque a recusa do meu herói em se submeter à enfermidade de ser um homem e à dura lei que nos cabe se aliava, no meu espírito, a outras horas lendárias...

Um único aspeto do meu livro corresponde portanto aos factos: a exterminação da grande fauna africana e, em especial, dos elefantes...

Quanto ao problema mais geral da proteção da natureza, é evidente que nada tem de especificamente africano: há uma data de tempo que berramos como desesperados.

Àqueles que se espantarem com a minha preocupação, que talvez julguem «requintada», ou excessiva, pelas belezas da terra, num momento em que devemos defender a obra humana, ameaçada pelos seus mais antigos demónios, responderei que nos julgo suficientemente generosos para não nos importarmos de pensar nos elefantes, quaisquer que sejam as dificuldades da nossa luta e as cruéis exigências da marcha em frente.

Os homens sempre deram o melhor de si para procurarem conservar uma certa beleza da vida.

Uma certa beleza natural...

Por fim, como se evoca indiretamente neste romance a questão

do nacionalismo, faço empenho em dizer aos leitores que desejarem conhecer a posição pessoal do autor que, neste capítulo, o meu livro trata do problema, para nós essencial, da proteção da natureza, e esta tarefa é tão imensa, em todas as suas implicações, na época do trabalho forçado, da bomba de hidrogénio, da miséria, do pensamento escravizado, do cancro e do fim que justifica os meios, que apenas um esforço prodigioso do nosso génio e toda a fraternidade de que somos capazes poderão levá-la a cabo. Em todo o caso, não me parece possível deixar a responsabilidade dessa obra generosa nas mãos daqueles que vão buscar a sua força política às fontes primitivas do ódio racial e religioso e da mística tribal. A história deste século provou de modo sangrento e definitivo – na minha família, seis mortos em oito, e entre os meus camaradas aviadores de 1940, cinco sobreviventes em duzentos – que o álibi nacionalista é sempre invocado pelos coveiros da liberdade, que não se tolera nenhum direito da pessoa humana nas vias triunfais dos «constructores para mil anos», dos «pais geniais dos povos» e das «espadas do Islão», e que, com um pouco de habilidade, um bom Partido para começar, uma boa polícia para acabar e um nada de covardia no adversário, se torna muitíssimo fácil dispor de um povo em nome do direito que os povos têm de dispor de si próprios.

Creio na liberdade individual, na tolerância e nos direitos do homem. Pode ser que se trate também de elefantes fora de moda e anacrónicos, sobreviventes embaraçosos de uma época geológica desaparecida: a do humanismo. Não o penso, porque acredito no progresso e porque o verdadeiro progresso traz consigo as condições indispensáveis para a sobrevivência daqueles valores. É muito possível que me engane e que a minha confiança não passe de um ardid do meu próprio instinto de conservação. Nesse caso, espero desaparecer com eles. Mas não sem os ter defendido até ao fim das fúrias totalitárias, nacionalistas, racistas, místicas e ideomaniacas, e nenhuma impostura, nenhuma teoria, nenhuma dialética, nenhuma camuflagem ideológica me fará esquecer a sua soberana simplicidade.

Desejo agradecer a Claude Hettier de Boislambert o auxílio técnico prestado e também porque, na sua qualidade de presidente da

Comissão Internacional da Caça, nunca deixou de encorajar a caça fotográfica e sempre lutou contra os excessos daqueles que satisfazem nos despojos os seus complexos; também agradeço ao professor J. E. de Hoorn, ao Dr. René Agid, a Conrad Sartorius e a todos aqueles cuja amizade me amparou constantemente, e em primeiro lugar a HENRI HOPPENOT, JEAN DE LIPKOWSKI, LEIGH GOODMAN e ROGER SAINT-AUBYN, a quem dedico este livro.

Prefácio à edição de 1980

Houve quem escrevesse, após a publicação deste livro há vinte e quatro anos, que ele era o primeiro romance «ecológico», o primeiro apelo à salvação da biosfera ameaçada. Mas eu próprio não me dava conta, nessa época, da extensão das destruições que se perpetravam nem da amplitude desse perigo.

Em 1956, estive sentado à mesa de um grande jornalista, Pierre Lazareff. Alguém pronunciou a palavra «ecologia». Das vinte personalidades presentes, só quatro lhe conheciam o sentido...

Mediremos em 1980 o caminho percorrido. Por todo o Mundo se organizam forças e uma juventude resoluta está à frente do combate. Ela não conhece seguramente o nome de Morel, o pioneiro dessa luta e herói do meu romance. Não importa. O coração não tem necessidade de outro nome. E os homens sempre deram o melhor de si próprios para conservar uma certa beleza da vida. Uma certa beleza natural...

Situei o meu relato no que ainda se chamava, em 1956, a África Equatorial Francesa, porque aí tinha vivido e porque também não tinha esquecido que esse território fora o primeiro a responder outrora a um apelo célebre contra a abdicação e o desespero, e a recusa do meu herói de se submeter à enfermidade de ser homem e à dura lei a que estamos sujeitos juntava-se assim no meu espírito a outras horas lendárias...

Os tempos quase não mudaram depois da publicação deste livro: continuamos a dispor facilmente dos povos em nome do direito dos povos a disporem de si próprios. A tomada de consciência ecológica defronta-se com aquilo a que chamarei a inumanidade do humano. No momento em que escrevo, 1200 elefantes acabam de

ser massacrados no Zimbabwe para proteger o habitat de outras espécies... Trata-se de uma contradição fundamental que nenhum pensamento, nenhuma religião conseguiram resolver.

Quanto ao problema mais geral, universal, da proteção da natureza, esse não tem, bem entendido, um carácter especificamente africano: é em vão que gritamos como desalmados. Leva a pensar que os direitos humanos são, eles também, sobreviventes incómodos de uma época geológica passada: a do humanismo. Os elefantes do meu romance não são, pois, alegóricos de todo: são de carne e osso, exatamente como os direitos do homem...

Quero agradecer uma vez mais àqueles cuja amizade me apoiou com tanta constância durante o tempo em que trabalhava, em condições difíceis, neste romance: Claude Hettier de Boislambert, os professores J. E. de Hoorn e René Agid, e ainda Jean de Lipkowski, Leigh Goodman, Roger Saint-Aubyn e Henri Hoppenot, a quem este livro é dedicado.

I

Desde a alvorada, o caminho seguia a colina através de um matagal de bambus e de erva, onde cavalo e cavaleiro desapareciam às vezes completamente; depois, a cabeça do jesuíta reaparecia debaixo do capacete branco, com um grande nariz ossudo por cima dos lábios viris e irônicos, os olhos penetrantes que evocavam muito mais horizontes ilimitados do que as páginas de um breviário. A sua grande estatura adaptava-se mal ao pónei kirdi que lhe servia de montadura; as pernas faziam um ângulo agudo com a so-taina, em estribos demasiado curtos para ele; às vezes, baloiçava perigosamente na sela, olhando com movimentos bruscos do seu perfil de conquistador a paisagem dos montes Oulé, a que não era difícil reconhecer um certo ar de felicidade. Há três dias que deixara o terreno onde dirigia escavações por conta dos Institutos de Paleontologia belga e francês e, depois de um trajeto em jipe, há quarenta e oito horas que seguia a cavalo o guia através da selva, para o lugar onde se devia encontrar Saint-Denis. Desde manhã que não avistava o guia, mas a pista não tinha encruzilhadas e, às vezes, ouvia adiante um rumor de erva e o barulho dos cascos. De quando em quando, amodorrava, o que o punha de mau humor; não gostava de se lembrar dos seus setenta anos, mas o cansaço de sete horas de sela obrigava-o frequentemente a acabar os pensamentos numa sonolência vaga e suave, reprovada pela sua consciência de religioso e pelo seu espírito de sábio. Às vezes detinha-se e esperava que o *boy* viesse ter com ele, com o cavalo que levava numa caixa alguns fragmentos interessantes, resultado das últimas pesquisas, assim como manuscritos que nunca o abandonavam. A altitude não era muita: as colinas tinham encostas suaves;

às vezes, os flancos punham-se a mexer, a viver: os elefantes. O céu estava, como sempre, intransponível, vaporoso e luminoso, obstruído por todos os suores da terra africana. Os próprios pássaros pareciam ter-lhe esquecido o caminho. A vereda continuou a subir e, numa volta, o jesuíta viu a planície do Ogo para lá das colinas, com aquele mato crespo e cerrado de que não gostava e que estava, assim pensava, para a grande floresta equatorial como a vulgaridade dos pelos está para a nobreza da cabeleira. Calculara chegar ao meio-dia, mas só às duas horas desembocou no cimo da colina e viu a tenda do administrador e o *boy* ocupado a limpar marmittas, acorado diante dos restos de uma fogueira. O jesuíta meteu a cabeça dentro da tenda e viu Saint-Denis adormecido no leito de campanha. Não o incomodou, mandou armar a sua tenda, lavou-se, bebeu chá e dormiu um pouco. Depois acordou e sentiu imediatamente a fadiga em todo o corpo. Ficou um momento estendido de costas. Pensava que estava um pouco triste por ser muito velho e que, portanto, já não lhe restava muito tempo, pelo que teria de se contentar, sem dúvida, com o que já sabia. Quando saiu da tenda, encontrou Saint-Denis a fumar cachimbo, voltado para as colinas que o sol ainda não deixara, mas que pareciam já tocadas como que por um pressentimento. Ele era mais baixo do que alto, calvo, o rosto prisioneiro de uma barba desordenada, com óculos de aros de aço escondendo uns olhos enormes no rosto emaciado com maçãs salientes; as costas arqueadas e estreitas mais evocavam um emprego sedentário do que o de último guarda das grandes manadas africanas. Falaram um instante dos amigos comuns, dos rumores de guerra e de paz, depois Saint-Denis interrogou o padre Tassin sobre os seus trabalhos, perguntando-lhe especialmente se era verdade que, depois das últimas descobertas na Rodésia, se podia afirmar que a África era o berço da humanidade. Finalmente, o jesuíta fez a sua pergunta. Saint-Denis não pareceu admirado por um membro eminente da Ilustríssima Companhia, com setenta anos e a reputação entre os Irmãos das missões de se interessar muito mais pelas origens científicas do homem do que pela sua alma, não hesitar em andar dois dias a cavalo para o interrogar acerca de uma rapariga cuja beleza e juventude não deveriam pesar muito no espírito de um sábio habituado a contar por

milhões de anos e idades geológicas. Respondeu, portanto, com franqueza, continuando a falar com um abandono crescente e um estranho sentimento de alívio, a tal ponto que lhe aconteceu mais tarde perguntar-se se o padre Tassin não teria vindo até ele com o único fim de o ajudar a livrar-se daquele peso da solidão e das recordações que o oprimia. Mas o jesuíta escutava em silêncio, com uma delicadeza quase distante, nunca oferecendo um daqueles consolos pelos quais a sua religião é tão justamente célebre. A noite surpreendeu-os assim, mas Saint-Denis continuou a falar, apenas se detendo uma vez para ordenar ao seu *boy* N'Gola que acendesse uma fogueira que afugentou o que restava do céu, de tal modo que se viram obrigados a afastar-se um pouco para reencontrarem a companhia das colinas e das estrelas.

II

«Não, não posso pretender tê-la conhecido verdadeiramente, pensei sobretudo muito nela, o que ainda é uma maneira de estar acompanhado. Não foi muito franca comigo, nem mesmo simplesmente honesta: foi graças a ela que me retiraram a administração de uma região que muito me interessava e que me confiaram a guarda destas grandes reservas de manadas africanas, julgando sem dúvida que a confiança e a ingenuidade de que eu dera provas nesta questão me qualificavam mais para tratar dos animais do que dos humanos. Não me queixo e acho mesmo que até foram muito simpáticos comigo: podiam ter-me mandado para qualquer parte longe da África e, na minha idade, há ruturas às quais nos arriscamos a não sobreviver... Quanto ao Morel... Já se disse tudo a esse respeito. Creio que foi ainda mais longe do que os outros no capítulo da solidão – verdadeira proeza, diga-se de passagem, porque quando se trata de bater recordes de solidão todos descobrimos que temos em nós uma alma de vencedor. Aparece-me muitas vezes, em noites de insónia, com o seu ar zangado, as três rugas vincadas na testa direita, cabeçudo, desgrenhado, a famosa pasta na mão, recheada de petições e de manifestos em defesa da natureza, que nunca o deixava, e oiço muitas vezes a sua voz repetir-me com aquela pronúncia popularucha bastante inesperada num homem, como se costuma dizer, com estudos: “É muito simples, já não bastam os cães. As pessoas sentem-se estranhamente sós, precisam de companhia, precisam de qualquer coisa maior, mais forte em que se possam apoiar e que aguente a pancada. Os cães já não chegam e os homens precisam dos elefantes. É por isso que não quero que lhes toquem.” Faz-me a declaração com a maior

seriedade e dá sempre uma palmada seca na coronha da carabina, como se quisesse enfatizar as palavras. Disseram do Morel que se sentia exasperado com a nossa espécie e que se via obrigado a não ter para com ela uma sensibilidade excessiva, antes, isso sim, armas na mão. Afirmaram gravemente que era um anarquista, resolvido a ir mais longe do que os outros, e que queria romper não só com a sociedade, mas também com a própria espécie humana: “desejo de rutura” e “sair do humano” foram, parece-me, as expressões mais utilizadas por esses cavalheiros. Como se essas frioleiras não bastassem, acabo de encontrar, numas velhas revistas que me vieram parar à mão em Fort-Archambault, uma explicação particularmente magistral. Parece que os elefantes que Morel defendia eram simbólicos e até poéticos, e que o pobre homem sonhava com uma espécie de reserva na História, comparável às reservas africanas, onde seria proibido caçar e onde todos os nossos melhores valores espirituais, desajeitados, um pouco monstruosos e incapazes de se defender, assim como todos os nossos velhos direitos do homem, verdadeiros sobreviventes de uma época geológica desaparecida, se manteriam intactos para deleite da vista e edificação dominical dos netos dos nossos netos.» Saint-Denis pôs-se a rir silenciosamente, sacudindo a cabeça. «Não vou mais longe. Também preciso de compreender, mas não a tal ponto. De uma maneira geral, sofro mais do que penso, é uma questão de temperamento... Parece-me que às vezes se compreende melhor dessa maneira. Não me peça, portanto, explicações demasiado profundas. Tudo o que lhe posso oferecer é alguns cacos, entre os quais eu; com o seu hábito das escavações e das reconstituições, deixo-o à vontade para fazer o resto. Mas há uma coisa que me faz confusão: nos seus trabalhos anuncia a evolução da nossa espécie rumo a uma espiritualidade e um amor totais, e anuncia-o para breve – suponho que em linguagem de paleontologia, que não é precisamente a do sofrimento humano, as palavras “para breve” queiram dizer uma bagatela de algumas centenas de milhares de anos, e que dê à nossa velha noção cristã da salvação um sentido científico de mutação biológica. Confesso que não vejo bem que lugar possa ter numa visão tão grandiosa uma rapariga cujo principal destino, neste mundo, parece ter sido satisfazer necessidades que não eram precisamente espirituais.

Não falemos já da Minna – não desconheço o papel humilde embora necessário que as prostitutas desempenham nas Escrituras –, mas que lugar pode ter nas suas teorias e curiosidades um homem como o Habib, que significado se pode querer dar àquele riso silencioso que lhe sacudia várias vezes por dia, e sem razão aparente, a barba negra, enquanto ele olhava as águas brilhantes do Logone, derreado numa cadeira de repouso no terraço do Tchadien, com um boné de navegador na cabeça, abanando-se sem cessar com um desses leques de papel que têm a marca púrpura duma limonada americana e mastigando um charuto húmido e apagado? Dito isto, se foi para conhecer as razões desse riso enorme que veio até aqui, não terão sido inteiramente inúteis os seus dois dias a cavalo. Posso dar-lhe a minha explicação. Pensei muito no assunto, veja lá. Até me sucedeu acordar bruscamente na tenda, sozinho diante da mais bela paisagem do mundo – refiro-me ao céu africano à noite – e interrogar-me sobre os motivos que poderiam levar um canalha como o Habib a rir com tanta despreocupação e uma alegria tão pura. Cheguei à conclusão de que o nosso libanês era um homem que se adaptava admiravelmente à vida e que as suas gargalhadas satisfeitas celebravam uma união perfeita com ela, uma compreensão mútua, um acordo que nunca foi perturbado por nada, enfim, a felicidade. Formavam ambos um belo par. Talvez tire destas afirmações a mesma conclusão que alguns dos meus jovens colegas, ou seja, que o Saint-Denis se transformou num velho arrogante, rabugento e mau, “que já não é dos nossos”, e que o seu lugar é entre os animais selvagens das nossas reservas para onde a administração o enviou com tanta prudência e solicitude. Contudo, era difícil não ficar impressionado com o ar saudável e alegre do Habib, com a sua força hercúlea, a solidez bem terrestre das suas pernas, as suas piscadelas de olho trocistas que não eram dirigidas a ninguém em especial e que pareciam destinadas à própria vida e, conhecendo a carreira tão bem sucedida do nosso crápula, não tirar certas conclusões. Com certeza que, como eu, o conheceu a presidir aos destinos do hotel Tchadien, em Fort-Lamy, na companhia do seu jovem protegido, de Vries, depois de o estabelecimento ter mudado de mãos pela segunda ou terceira vez. Os negócios não eram brilhantes. Quer dizer, não eram brilhantes

até à chegada dos senhores Habib e de Vries, que instalaram um bar, mandaram vir uma “hospedeira”, arranjaram uma pista de dança no terraço que domina o rio e passaram logo a dar mostras de uma prosperidade crescente, cujas verdadeiras causas só muito mais tarde foram conhecidas. De Vries não se ocupava do negócio. Raramente o viam em Fort-Lamy. Passava grande parte do tempo a caçar. Quando interrogavam o Habib sobre as ausências do sócio, ele desatava a rir silenciosamente, depois tirava o charuto da boca e fazia um gesto largo na direção do rio, dos pelicanos que vinham pousar nos bancos de areia ao crepúsculo e dos jacarés que imitavam troncos de árvore nas margens do Camarão.

»“Que quer, o rapaz não é muito compincha da natureza – passa o tempo a persegui-la em todos os escaninhos. É a melhor espingarda da região. Deu provas disso na Legião Estrangeira e hoje vê-se obrigado a contentar-se com uma caça mais modesta. Um desportista em toda a aceção do termo.” O Habib falava sempre do sócio com um misto de admiração e de escárnio; às vezes, quase com ódio; era difícil não sentir que a amizade entre os dois era antes de tudo uma submissão a qualquer vínculo secreto, independente da sua vontade. Só encontrei de Vries uma vez, mais precisamente, cruzei-me com ele numa estrada, perto de Fort-Archambault. Voltava duma caçada, num jipe que ele próprio guiava, seguido por uma camioneta. Era muito delgado, muito direito, o cabelo loiro ondulado, um rosto bastante bonito, no género prussiano. Lançou-me um olhar azul-claro que me impressionou apesar da rapidez do nosso encontro – enchia o depósito de gasolina, com bidões, na estrada, e acabava de o fazer quando eu cheguei. Também me lembro de que tinha uma espingarda nos joelhos e de que fiquei admirado com a beleza da arma – a coroa era incrustada de prata. Arrancou sem corresponder ao meu cumprimento, deixando para trás a camioneta, e eu parei para falar um pouco com o motorista sara, que me explicou que voltavam duma expedição no distrito de Ganda e que o patrão “caçar sempre, mesmo quando está chuva”. Levado não sei por que curiosidade, fui levantar o encerado da camioneta. Devo confessar que apanhei um susto. A camioneta estava literalmente recheada de «troféus»: dentes, caudas, cabeças e peles. Mas o que havia de mais espantoso eram os pássaros.

Havia de todas as cores e de todos os tamanhos. E o belo senhor de Vries não se entretinha com certeza a colecionar para museus, pois a maioria estava crivada de chumbos, a tal ponto que ficara irreconhecível e, em todo o caso, inutilizável para satisfação da vista. O nosso regime de caça é o que é – não sou eu quem o vai defender –, mas não havia licença capaz de justificar as razias que ele fazia. Interroguei um pouco o motorista, que me explicou orgulhosamente que “o patrão, ele caçar por prazer”. Tenho horror à língua de preto, uma das nossas grandes vergonhas em África, pelo que lhe falei portanto em sara. Ao fim dum quarto de hora, sabia o bastante sobre as proezas desportivas de de Vries para lhe aplicar uma multa de alto lá com ela, o que fiz quando regresssei a Fort-Lamy. O que nada evitou decerto: como deve saber, há pessoas dispostas a pagar o que for preciso para satisfazer as necessidades íntimas da sua alma. Fui igualmente fazer uma cena ao seu protetor no terraço do Tchadien e pedi-lhe que moderasse um pouco as expansões do jovem amigo. Ele riu-se com vontade. “Que quer, meu caro: uma nobre alma, uma terrível necessidade de pureza – daí o choque violento com a natureza, não pode ser doutro modo, uma espécie de perpétuo ajuste de contas. Membro de várias sociedades cinegéticas, várias vezes premiado, grande caçador perante o Eterno, o qual, muito felizmente, está a salvo, senão...” Riu-se. “Tem portanto de se contentar com uma caça intermediária, com insignificâncias: hipopótamos, elefantes, pássaros. A caça grossa mantém-se invisível, ao abrigo, muito prudentemente. É pena – que rico tiro. O pobre rapaz deve sonhar com isso à noite. Tome uma limonada, fica por minha conta.” Continuou a abanar-se, derreado na eterna cadeira de repouso, e lá o deixei, visto que estava em sua casa. Quando me afastava, ainda me atirou: “E não se preocupe com multas: não há que fugir. E os negócios vão bem.”

»Iam bem, com efeito.

»A explicação dessa prosperidade, extraordinária para quem conhecia os dissabores financeiros dos sucessivos exploradores do Tchadien, revelou-se dum modo completamente inesperado. Um camião de caixas de limonada teve um infeliz acidente a leste do Ogo: uma explosão não inteiramente explicável pelo teor de gás da limonada. Descobriu-se que os senhores Habib e de Vries tomavam

parte ativa no contrabando de armas que seguia as velhas estradas dos mercadores de escravos para as profundezas de África, a partir de algumas bases bem conhecidas. Não ignora as lutas surdas em que o nosso velho continente está envolvido: o Islão aumenta a pressão sobre as tribos animistas; da Ásia superpovoada sobe lentamente um novo sonho de expansão e a lição da luta sem tréguas que os ingleses sustentam há três anos no Quênia não se perdeu para toda a gente. O Habib instalara-se em tudo isso ainda mais confortavelmente do que na cadeira de repouso; a sua ficha judiciária, quando pensaram finalmente em mandá-la vir, revelou que ele era um verdadeiro canto de triunfo deste mundo reles. Mas nessa altura já ele tinha cavado com o belo sócio, o inimigo da natureza, alertado sem dúvida por algumas dessas mensagens misteriosas que parecem sempre chegar a tempo em África, enquanto nada, nunca, trai a pressa ou a inquietação nos rostos impassíveis dalguns dos nossos negociantes árabes, sentados na penumbra bem arejada das suas lojas, sonhadores e delicados, como que inteiramente à parte dos ruídos e da agitação deste mundo conturbado. Desapareceram, portanto, para só reaparecerem de forma completamente inesperada, mas, se pensarmos bem, natural, no momento em que a estrela do Morel estava no apogeu, para recolherem os últimos raios dessa glória terrena que tão bem combinava com o seu género de beleza.»